



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



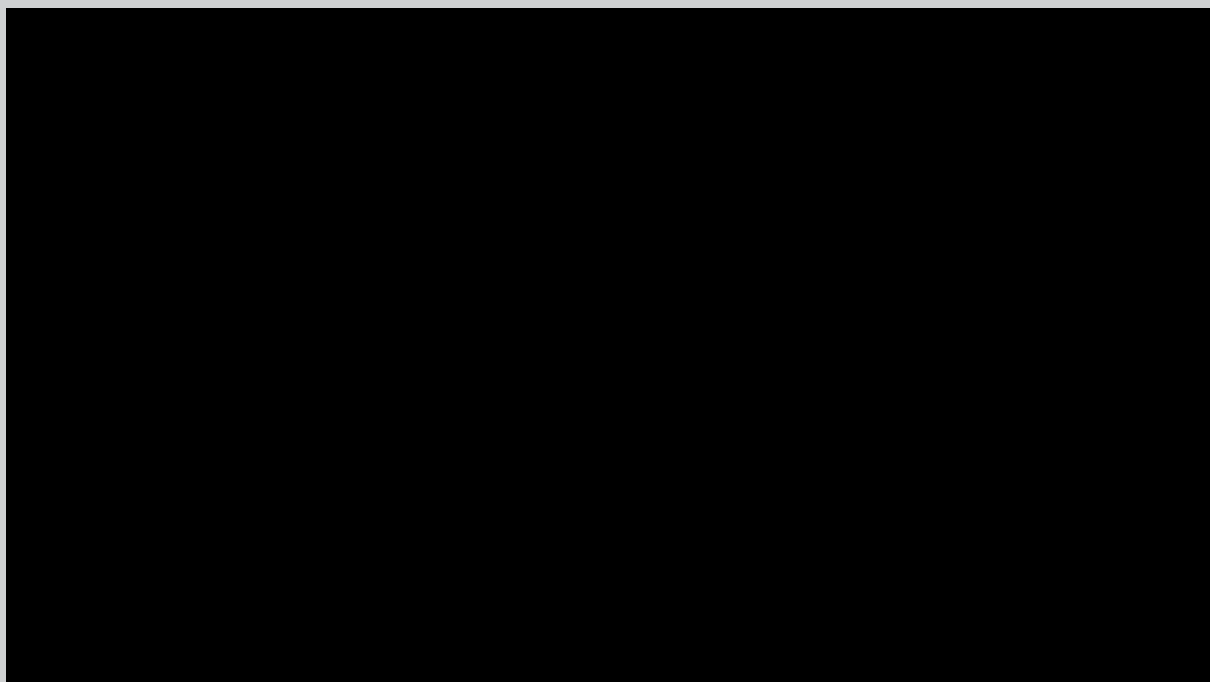
**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



A Estética e
o *Belo*

Ficha da Disciplina:

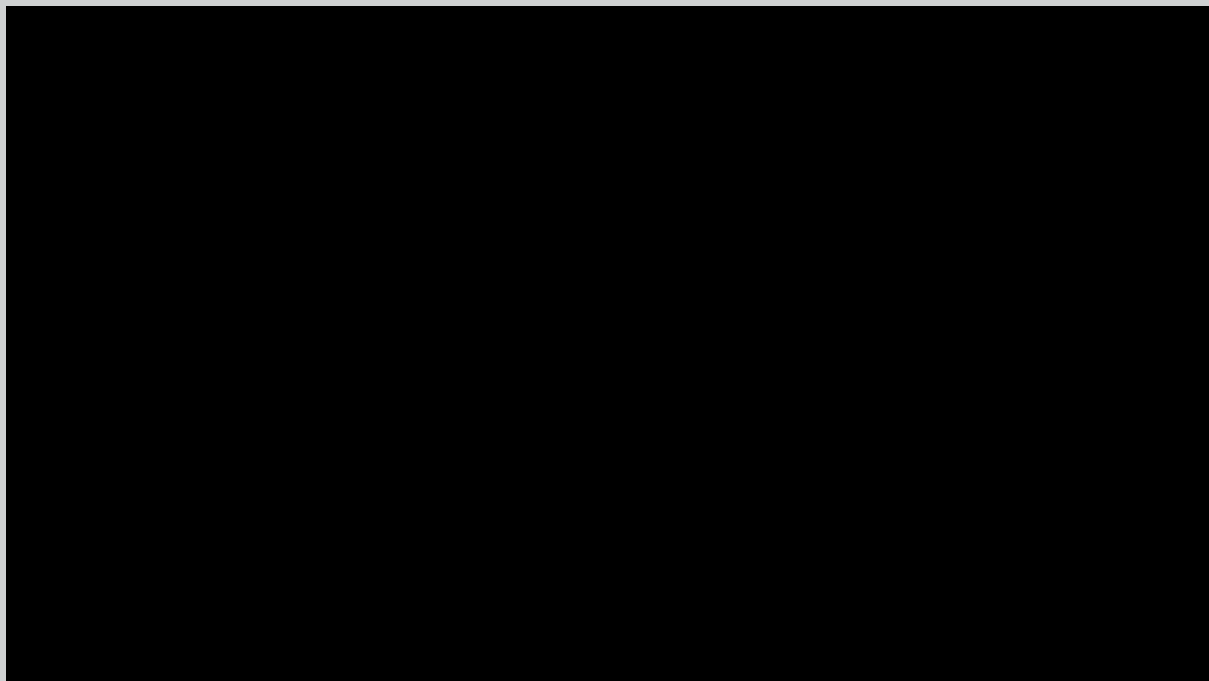
*A Estética e o *Belo**



Sumário

Vídeo da Semana	3
A Estética e o <i>belo</i>	3
1.1 Sentidos da Estética	3
1.2 O belo como guia	5
1.3 Sentidos do belo – beleza, prazer e sensação	6
Bibliografia.....	9

Vídeo da Semana



A Estética e o *belo*

1.1 Sentidos da Estética

Será mesmo necessário explicar o que é *estética*? Olhando assim, parece até que não... Em todo lugar se fala em *estética*, e todos parecem muito seguros do que estão dizendo. As bancas de jornal estão cheias de revistas sobre *estética*; nas avenidas chiques da cidade há caras e não obstante lotadas clínicas de *estética*; aquela faculdade de odontologia ali adiante oferece especialização em *estética* dentária; e o moço da concessionária quer nos vender um carro gabando sua *estética*. Vamos a um barzinho universitário e um freguês, já relativamente “alegre”, tenta impressionar os circunstantes comparando, cenho franzido e mãos no ar, a *estética* de Fellini com a de Pasolini. Saímos em viagem de férias, mas nem assim escapamos da palavrinha, pois agora já é o guia turístico a nos informar que nas igrejas da cidade predomina a *estética* neo-clássica....

4

É fácil ver o que isto tudo tem em comum: em todos estes casos o termo *estética* diz respeito à maneira como as coisas se apresentam aos nossos sentidos, e à maneira como elas nos impressionam, favorável ou desfavoravelmente, pela sua mera aparição diante de nós. *Estética*, poderíamos então concluir, tem a ver com a aparência imediata das coisas, em seu efeito de agrado ou desagradado sobre nós.

Isto está de acordo com o sentido original do termo grego *aesthesis*, do qual provém nosso vocábulo *estética*. Pois, em grego, *aesthesis* diz respeito à nossa capacidade de receber impressões sensíveis dos objetos que nos cercam, nossa capacidade de sermos afetados, através dos cinco sentidos, por esses objetos. Esse significado também está implicado no sentido *filosófico* de *estética*, que é, na verdade nosso alvo principal aqui – aliás, esse termo dá a impressão de ter trilhado um caminho oposto ao percorrido por tantos outros termos filosóficos: ao invés de haver penetrado na filosofia a partir da linguagem comum, a palavra *estética*, parece ter nas últimas décadas descido das alturas filosóficas para circular livremente pelas calçadas das cidades....

Mas, por falar em filosofia, eu, que tenho cá meus informantes, sei que o distinto leitor lida com esse fascinante campo do saber humano, não é mesmo? Então com certeza já tem alguma familiaridade com o sentido filosófico de *estética*. Terá tido em mãos compêndios de *estética*, em cujas páginas leu coisas sobre a *estética* de Hegel, a *estética* platônica ou a de Nietzsche. Se sua graduação foi em filosofia, terá frequentado disciplinas com o nome de *estética* e sabe que os departamentos de filosofia costumam ter cadeiras acadêmicas específicas de *estética*. Sabe também que anualmente realizam-se congressos de *estética* e que há periódicos especializados nesta *estética* filosófica. Sabe, portanto, que *estética* em filosofia delimita um campo teórico, um terreno específico de investigação filosófica. *Estética* é de fato uma disciplina filosófica, assim como a teoria do conhecimento, a ética, a filosofia da linguagem, a filosofia política etc...¹



Aqui está uma primeira e importante diferença entre os sentidos filosófico e popular do termo “*estética*”: em filosofia esse termo não designa características ou propriedades das coisas comuns nem dos objetos artísticos, mas sim um campo de investigação que contém um conjunto de teorias, questões e conceitos filosóficos. Mas há relações de proximidade também importantes entre os dois sentidos: a *estética filosófica* (daqui em diante vamos designá-la como

Estética) também trata da forma como as coisas se apresentam a nós e da maneira como reagimos a essa apresentação; e é exatamente a esse tema que se referem as teorias, questões e conceitos que a compõem.

Como filosofia, ou seja: como âmbito de investigação teórica e conceitual sobre nossas reações à forma pela qual as coisas se apresentam a nós, a *Estética* fala do belo e do feio, mas não para me ensinar que isto é belo e aquilo é feio, nem para me recomendar o belo e condenar o feio – muito menos para ensinar o que fazer para que as coisas que não são belas venham a sê-lo. Se fosse assim, não seria teoria, mas um guia prático, e, o que é mais importante, já daria como conhecido o sentido do termo *belo*, quando é exatamente isto que se trata de determinar: na *Estética*, precisamente esse sentido está em aberto e torna-se objeto de debate.

Como filosofia, a *Estética* quer saber *o quê é* uma coisa bela. Pergunta-se pelo porquê de que a aparência de certas coisas nos agrada ao ponto de dizermos que são belas, e o que estamos querendo dizer ao declararmos que o são. *Ela quer explicitar conceitualmente os critérios pelos quais julgamos a aparência das coisas.*

1.2 O belo como guia

Note bem o leitor: ninguém falou em *julgar as coisas* pela aparência, mas em julgar a *aparência* das coisas. Julgar as coisas pela aparência é ser preconceituoso, mas na filosofia já não estamos mais no nível do pré-conceito: já nos movemos no nível do *conceito*.

A filosofia é, de fato, *conceitual*, o que significa que ela sempre tem muito cuidado com as palavras que utiliza. Ela não vai simplesmente se servindo dessas palavras comuns e correntes que estão aí jogadas no nosso cotidiano. Melhor dizendo: ela se serve sim das palavras comuns, mas dá outro significado a elas. O significado das palavras comuns não é suficientemente preciso para a investigação filosófica, pois está sujeito a enormes flutuações, decorrentes tanto da maneira peculiar pela qual cada um entende as palavras, como das imposições da moda e das arbitrariedades dos meios de comunicação de massa, que em grande medida determinam a forma pela qual as pessoas falam e pensam. Como não quer ficar refém do que as outras pessoas, a moda, os jornais e a televisão colocaram sob as palavras, a filosofia cria suas próprias palavras, pelo menos suas palavras mais importantes, que só na sonoridade permanecem iguais às comuns. Essas palavras próprias da filosofia são os *conceitos filosóficos*.

O próprio termo *Estética* já é um conceito filosófico, e seu sentido já foi inclusive delineado: *Estética*, dissemos, é um campo de investigação filosófica que procura determinar conceitualmente os critérios pelos quais julgamos a aparência das coisas. Mas isto ainda está por demais abstrato, e, assim como para se aprender a nadar é necessário entrar na água, para entender o que é *Estética* temos também de mergulhar nela. A melhor forma para fazer isso é, ao invés de perguntarmos diretamente pelo conceito de *Estética*, tentarmos compreender o sentido dos principais conceitos de que ela própria se utiliza. Precisamos então de um conceito que nos introduza na *Estética*, que nos guie através dos meandros desse campo teórico que ela delimita.

Mal acabamos de pronunciar a frase acima e já se apresenta um forte candidato. Pois imediatamente um certo conceito, que já há algum tempo se imiscuiu em nossa conversa, dominando a cena e chamando nossa atenção, imediatamente vem agora esse conceito novamente à superfície, como se estivesse certo de ter todo o direito de ser o primeiro dentre todos, o mais importante conceito da *Estética*. É o conceito do *belo*.

Não vamos agora discutir se são justificadas tamanhas pretensões. Mas o fato é que o conceito do *belo* continua sendo o que mais generosamente nos permite ingressar nessa longa (em verdade milenar), importante, multifacetada e fascinante discussão filosófica que estamos aqui reunindo sob o nome de *Estética*. Guiados por sua mão, poderemos abrir caminho até as principais vias que atravessam o campo da *Estética*, e assim ganhar um vislumbre de seu desenrolar desde seu nascimento até o ponto em termos de abandonar nosso dedicado acompanhante, por adentrarmos terreno onde o *belo* não é mais reconhecido como cidadão. Mas, mesmo ali, ao voltar-nos as costas resignado, o *belo*, mesmo sem querer, continuará indicando a direção, só com a sombra que projeta no caminho ignoto....

1.3 Sentidos do belo – beleza, prazer e sensação

Assim como no caso do termo “estética”, também no caso do termo “belo” nos deparamos com um sentido popular e outro filosófico. Correção: há vários sentidos filosóficos (assim como vários populares). Pois cada um dos pensadores que se dedicaram aos temas da *Estética* contribuiu para a discussão com uma concepção própria do fenômeno do belo. Portanto cada um criou seu próprio conceito de *beleza*, de acordo com essa concepção.

Mas sossegue, leitor: não vamos perseguir aqui todas as doutrinas dos principais filósofos sobre a beleza, coisa que, dados os limites deste texto, seria impossível (e dados os seus objetivos, improdutivo). Vamos então, ao invés disso, tentar assinalar alguns traços característicos que estão de alguma forma presentes em todos esses conceitos filosóficos particulares do *belo*, ou, pelo menos, nos mais importantes. Isto é possível porque, muito embora cada um destes conceitos filosóficos seja em grande medida uma criação de seu autor, todos eles têm por base uma experiência comum e corrente da beleza, a que todos os seres humanos, por princípio, podem ter acesso – do contrário seriam totalmente desprovidos de interesse, nada diriam a nós.

Ora, essa experiência comum da beleza é a que está codificada no conceito popular do *belo* – do que concluímos que, assim como no caso da estética, o(s) significado(s) filosófico(s) do *belo* têm uma relação semântica forte com sua acepção corrente. O problema é que este conceito comum do *belo* como quase todos os conceitos abstratos em nossa linguagem usual, não é suficientemente claro. Falamos de *belo* e *beleza* de muitas maneiras e em muitos sentidos, sem prestar muita atenção ao que estamos dizendo. Muitos conceitos “aparentados” a ele ressoam em nossa mente quando o empregamos e com todo esse ruído não conseguimos, ou nem mesmo tentamos, compreender direito o que ele está querendo nos dizer, ou ainda, o que nós estamos querendo dizer por meio dele.

Proponho então que tentemos realizar uma determinação filosófica do conceito popular do *belo*, para que assim nos aproximemos dos traços comuns dos vários conceitos filosóficos do *belo*. Isto é: vamos tentar explicitar o que nós mesmos pressupomos implicitamente quando nos servimos deste termo. Então vejamos: o que é, para nós, o *belo*? Ou, para começar: qual é seu efeito sobre nós?

Esta segunda pergunta é bem mais simples, e já foi até mesmo parcialmente respondida. O *belo*, como já dissemos, *nos agrada*, ou seja: nos contenta e nos dá prazer. O *belo* é algo que nos alegra, e que por isso nos ajuda a viver e a gostar disso. Mas isso não nos diz quase nada, pois muitas outras experiências possuem o mesmo efeito. O próprio fundamento fisiológico-natural do prazer iguala, neste ponto, o prazer proporcionado pela beleza a todos os outros. Começamos a nos aproximar de uma determinação filosófica do conceito do *belo* quando perguntamos *o que diferencia e caracteriza* o prazer que temos com o *belo* em face às outras formas de prazer. O *belo* é um prazer? Muito bem, mas *que tipo* de prazer é ele?

Parece-me que aqui o primeiro passo terá de ser explicitar quais são esses outros prazeres com os quais queremos contrastar o prazer do *belo*. Imediatamente fazemos uma constatação: os prazeres mais intensos e os mais ardentemente buscados são aqueles que provêm da fruição direta de nossos sentidos, e que, por isso, têm uma relação imediata com nosso corpo. Estamos aqui falando do prazer que uma refeição bem preparada oferece ao nosso paladar; do prazer que um aroma de flores ou de incenso oferece ao nosso olfato; do prazer que a prática esportiva proporciona a todo o corpo e também daquele outro e dulcíssimo prazer que o leito conjugal nos reserva. Todos estes prazeres promovem um bem estar físico que se funda em nossa própria constituição fisiológica como seres naturais. Eles resultam do intercâmbio direto entre nosso corpo e os outros corpos que o rodeiam, do efeito imediato que esses corpos exercem sobre o nosso. Seguindo uma terminologia consagrada na tradição filosófica, chamaremos aqui esse efeito imediato dos outros corpos sobre o nosso, na medida em que é por nós percebido, de *sensação*.

Tais prazeres resultantes da *sensação*, em todas as suas variações, parecem mesmo ser os mais elementares de todos, os mais imediatos e por isso mesmo os mais intensos. Desde sempre a sensação foi nossa guia, e simplesmente não estaríamos vivos se não soubéssemos aprender com o prazer e o desprazer que ela provoca. Em nossa mais tenra idade já buscávamos os prazeres da sensação, e eles permanecem sendo para nós uma espécie de indispensável pão nosso de cada dia, que sempre contamos obter, parecendo constituir algo como um fundo essencial e sempre presente de toda a nossa vida psíquica.

Tudo isso faz nascer a suspeita de que talvez todos os nossos prazeres sejam formas especiais desses prazeres sensíveis elementares e imediatos, ou que estejam neles fundados. Será assim também com o prazer que o *belo* proporciona? Que relações de semelhança e diferença terá esse prazer especial que sentimos, por exemplo, ao contemplar um entardecer no campo ou uma pintura que o representa, com os prazeres imediatamente derivados da sensação? Ou, falando de forma mais abstrata: que relação tem o prazer proporcionado pelo *belo* com as formas fisiológicas elementares de prazer?²

9



Bibliografia

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- BAUMGARTEN, A. G. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BAYER, Raymond. **História da estética**. Lisboa: Estampa, 1998.
- DUFRENNE, Mikel. **Phénoménologie de l'expérience esthétique**. Paris: PUF, 1953.
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. Tradução de Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- JIMENEZ, Marc - **O que é Estética?** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999.
- PLATÃO. **A república**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: DIFEL, 1966.

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva